

# **O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM-TERRA: FABRICANDO UMA NOVA SOCIEDADE**

Idaleto Malvezzi Aued  
Marlene Grade

## **RESUMO**

Neste trabalho pressupomos que o MST luta por uma sociedade “igualitária e socialista”. Entretanto, a forma de organização da produção e de comercialização de produtos nos assentamentos se dá através do Sistema Cooperativista dos Assentados (SCA). Afirmamos, então, que essa relação social pode estar negando o ideário do MST e reproduzindo o mesmo modo de produção que exclui e torna supérfluos os homens à acumulação do capital.

Consideramos que o acampamento é o espaço onde o MST mostra toda a sua rebeldia, configurada na criação de relações sociais que afirmam o Movimento. Os trabalhadores sem-terra, impossibilitados de voltarem ao que eram e, ainda, sem serem o que poderão ser, encontram na solidariedade o amálgama que os faz Movimento. São as relações solidárias que fundamentam a vida desses homens e geram sua consciência.

O que o Movimento aglutina no acampamento - a solidariedade entre os homens - parece ser negado no assentamento, é nossa conclusão.

## **Introdução**

O MST luta por uma sociedade “igualitária e socialista”. Entretanto, a forma de organização da produção e de comercialização de produtos nos assentamentos se dá através do Sistema Cooperativista dos Assentados (SCA). Essa relação social pode estar negando o ideário do MST e reproduzindo o mesmo modo de produção que exclui e torna supérfluos os homens à acumulação do capital.

Nos acampamentos, o MST tem estruturado as Cooperativas de Trabalho como forma de produzir os homens. Reflete, assim, em suas entranhas, consciente ou inconscientemente, a lógica do capital.

Por outro lado, é nos acampamentos que o MST mostra toda a sua rebeldia,

configurada na criação de relações sociais que afirmam o Movimento. Os trabalhadores sem-terra, impossibilitados de voltarem ao que eram e, ainda, sem serem o que poderão ser, encontram na solidariedade o amálgama que os faz Movimento. São as relações solidárias que fundamentam a vida desses homens e geram sua consciência. Talvez seja por isso que o MST nos acampamentos tem se mostrado mais forte do que nos assentamentos.

O que o Movimento aglutina no acampamento - a solidariedade entre os homens - parece ser negado no assentamento. A posse da terra, nos assentamentos, separa os homens. Ela toma o lugar do Movimento e passa a organizá-los em cooperativas. O MST se faz mostrar somente na figura dos liberados nesses locais. A materialização do Movimento no espaço dos assentamentos fica, dessa forma, obstaculizada, possibilitando a reprodução contínua de relações próprias do capital.

O vir-a-ser, entendido como sociedade igualitária e socialista, perde-se nos assentamentos pela forma com que os homens assentados organizam a sua base material de produção da vida. O que é uma possibilidade nos acampamentos tende a desaparecer nos assentamentos.

### **O Novo e o Velho no Acampamento**

Nos acampamentos, através do MST, os homens estão organizados em núcleos. Cada núcleo elege os seus coordenadores de finanças, de saúde, de higiene, de alimentação e de segurança. O conjunto desses coordenadores forma a comissão de cada setor, que verifica a implementação e o desenvolvimento das tarefas definidas pelo coletivo.

Desse modo, o Movimento vai adquirindo forma e se fazendo presente na produção da vida cotidiana dos homens. A sua força vem dessa materialidade e sua dinâmica aparece e se faz mostrar para toda a sociedade.

Nos acampamentos, a velha ordem social explicita-se através da constituição de Cooperativas de Trabalho cujo objetivo é a venda da força de trabalho das famílias acampadas. A cooperativa faz a mediação entre os donos dos meios de produção e os vendedores da força de trabalho, mesmo que, às vezes, a venda ocorra sem sua intervenção, feita pelos próprios acampados.

Contudo, vender a força de trabalho das famílias acampadas e obter meios para a sobrevivência é a forma imposta pela dinâmica do capital. Nada há de novo nessa forma de reprodução da vida em que os homens proprietários de sua capacidade

de trabalho vendem-na aos detentores dos meios de produção, obtendo, assim, meios de sobrevivência para reporem a sua energia física e mental. Ao venderem sua força de trabalho ao capitalista, esses homens produzem para os detentores dos meios de produção a sua condição de proprietários privados desses meios de produção e de subsistência, por um lado, e, por outro, a sua condição de assalariado.

Entretanto, é nos acampamentos que o MST mostra a sua essência, ainda que permeado pela velha sociedade que impede a sua consolidação como uma nova possibilidade de reprodução da vida. É nesta etapa da luta que o MST indica a base para o surgimento de um novo homem, com outra perspectiva: constituir-se como ser social solidário.

A solidariedade, sob qualquer forma e de onde quer que se origine, possibilita a construção desse novo homem que vive coletivamente. Ao relacionar-se com outros homens o faz unicamente pela imposição de se reproduzir como ser humano. A partir dessa base, a consciência em germinação reflete o novo e rompe com as relações sociais impostas pelo modo de produção capitalista. Nos acampamentos forjam-se novos homens que estruturam, solidificam e afirmam o Movimento.

É por isso que o homem do acampamento é mais engajado na luta. Está sempre pronto a desafiar-se, a mostrar a sua rebeldia no enfrentamento com a velha ordem social. Ele é a própria rebeldia. Personifica-a e mostra-se para toda a sociedade. É neste espaço e neste tempo transitório imbricado por velhas relações burguesas que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra demonstra a plenitude de sua força transformadora.

Os sonhos dos acampados são semelhantes. Para todos é a terra que vem como solução e perspectiva para a vida, de ter “suas coisinhas”. Alguns buscam no trabalho coletivo nas Cooperativas de Produção Agropecuária (CPAs) a possibilidade de ter um tempo de vida livre, e não só de trabalho e, assim, uma existência mais digna.

O acampamento revela-se, também, como local de estudo, de aprendizado de novas formas de organização da produção e da vida, de novas concepções políticas para os acampados, enfim, como local de compreensão de sua própria história e do entendimento da sociedade em geral. Os acampados percebem-se como seres humanos diferentes do que até então conheciam. Descobrem potencialidades que não eram percebidas. Vêm-se como um homem com novas formas de pensar e agir, certamente mais solidário.

As crianças gostam de suas vidas nos acampamentos. Sentem de forma

espontânea esta nova forma de ser. São dinâmicas a despeito de sua fragilidade física e de seu aparente sofrimento. Tudo indica serem crianças felizes devido, principalmente, ao grande número delas a brincarem juntas todos os dias, o que é possibilitado pela proximidade dos barracos. Não há um controle autoritário dos adultos sobre elas. Por isso, ficam à vontade. Em qualquer casa em que estiverem, as pessoas olham por elas independentemente de serem seus filhos. É natural dentro do acampamento que todos cuidem dos filhos de todos.

O MST se faz presente nos acampamentos através dos controles sobre o horário, o álcool, a prostituição, o cuidado com a higiene, a organização de escolas, a montagem de cursos para a formação dos acampados, etc. Nesse espaço, os sem-terra incorporam outros valores, como a solidariedade, o companheirismo, a amizade, a cooperação entre os homens, e se relacionam através deles. O Movimento é uma conexão de solidariedade entre os homens que possibilita romper com o sistema que o criou, o capitalista.

Esse novo homem parece estar desalienado. Percebe a si mesmo e ao mundo que o rodeia na sua forma real. No espaço transitório do acampamento não há fetiche. A base produtiva materializada do Movimento produz a vida desses homens, e suas relações sociais refletem o que realmente são: solidários.

### **Assentamentos: o Novo que não se Liberta do Velho**

Tudo leva a crer que uma nova forma de produção da vida instala-se nos acampamentos. No entanto, para o MST, o vir-a-ser está nos assentamentos. É determinado pela cooperação e cooperativas implantadas através do Sistema Cooperativista dos Assentados (SCA).

A cooperação nos assentamentos, fundada na priorização de formas associativas de organizar a produção, vem sendo utilizada pelo MST, que possui uma análise sobre a pequena produção, no capitalismo, e sobre suas limitadas possibilidades de existência. Dessa forma, a cooperação é a possibilidade de manutenção dos agricultores no campo via aumento qualitativo da área cultivada, aumento da produtividade do trabalho, maior diversificação de produtos, racionalização dos serviços de assistência técnica e barganha sobre o crédito rural.

O associativismo, segundo o MST, promove, também, o avanço da consciência social dos indivíduos. Possibilita a liberação de quadros (militantes qualificados) para desenvolver outras atividades, como negociações com o Estado,

organização e fortalecimento do MST em outros locais, articulação com outros movimentos sociais e sindicatos, irradiação da experiência, possibilidades de os agricultores usufruírem de folgas, bem como facilidades no acesso à saúde e à educação.

O SCA e cada cooperativa do Movimento devem ter, ao mesmo tempo, um caráter político e um caráter de empresa econômica; caráter político na organização e conscientização da base social e na articulação com outros setores da sociedade, contribuindo com o Setor de Frente de Massa; caráter de empresa econômica visando à resistência dos assentados no campo, ao crescimento econômico, à melhoria na qualidade de vida, etc. “(...) uma empresa econômica não pode ser dirigida com a mesma lógica de uma organização de massa. Mas, ela tem que buscar a eficiência econômica, sem atrapalhar o político”.

A Confederação Nacional das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil (Concrab), que é a forma jurídica do SCA, vai se desenhando nos assentamentos. Toma todo o espaço e o tempo dos homens, substituindo assim o MST, que só passa a aparecer na figura dos liberados.

A Concrab, ao expandir-se e ao produzir mercadorias para o capital, deverá fazê-lo de forma cada vez mais eficiente, com menor custo, de modo a competir com todos os outros capitalistas. À medida que desenvolve a sua racionalidade econômica, novos cursos se fazem necessários para o aprimoramento dos seus integrantes, tais como: aprendizado de modernas técnicas de gerenciamento, pesquisas de mercado, controles de custo, etc. Para a sobrevivência do sistema (SCA) faz-se necessária a montagem de grandes empresas.

Essa forma de organização impõe sua dinâmica. O MST tem que aperfeiçoar essa estrutura e contratar administradores eficientes. Os homens trabalhadores rurais, provavelmente, se transformarão em grandes capitalistas, pelo menos alguns deles. Outros serão excluídos, desnecessários a esta lógica. Apesar disso, o MST, através do uso da cooperação nos assentamentos, orientados pelo SCA, busca transformar o ser humano e criar uma nova sociedade, superando a do capital: “(...) é importante orientar as formas de produção e reprodução da vida humana e comunitária, se queremos superar aspectos degeneradores da sociedade capitalista (...)”.

O MST delega às cooperativas a cooperação e a organização dos assentados. Entretanto, as Cooperativas refletem a dinâmica do capital, porque são moldadas através das variáveis dinheiro e mercadoria, que no interior dos assentamentos se

impõem sob a forma burguesa.

Ao deixar as Cooperativas andarem sobre seus próprios pés, elas reproduzem a forma cooperativista tradicional, porque assumem caráter capitalista, impõem a contratação de administradores, gerenciadores, à medida que o SCA avança.

Nas CPAs a divisão do trabalho que ocorre em seu interior assume a forma de simples cooperação entre os homens. As tarefas relativas ao seu sistema produtivo assim se dividem: uma equipe cuida da horta, outra das plantações, outra do gado leiteiro e outra das atividades burocráticas da Cooperativa. Nesse espaço não há, ainda, uma divisão técnica do trabalho desenvolvida.

Nos assentamentos individuais, o uso da cooperação acontece eventual e esporadicamente em períodos de plantio e colheita - é a mesma que moveu os homens nas sociedades pré-capitalistas a unirem-se. Predomina neles a organização do trabalho dentro da estrutura familiar, que nada mais é do que uma simples divisão de tarefas entre seus componentes. A comercialização dos produtos é efetuada por um organismo coletivo, visando, principalmente, obter melhor poder de barganha na compra de insumos e na venda da produção.

No interior do MST busca-se, com o intuito de elevar a renda do homem assentado e de mantê-lo no campo, a implantação de mercados e indústrias alternativos, como a produção e industrialização de produtos sem agrotóxico, as vendas diretas aos consumidores e manutenção de amizade com pessoas que adquirem tais produtos.

O Sistema Cooperativista dos Assentados desemboca na criação de Cooperativas de Produção, de Comercialização, de Prestação de Serviços e de agroindústrias para a industrialização da produção, com o intuito de fortalecer e ramificar essa estrutura.

O mercado alternativo proposto pelo MST tem as seguintes características: popular (de massa); local/regional; ideológico/propaganda da reforma agrária; de comercialização direta entre os trabalhadores.

A busca por mercados alternativos, mesmo em comunidades de periferias urbanas ou em sindicatos, e, também, o estabelecimento de um mercado para as massas não alteram as relações sociais engendradas pelo capital; ao contrário, criam um vínculo seletivo com um determinado segmento da sociedade.

Um dos maiores problemas nos assentamentos é a gestão empresarial do “negócio agrícola”. É essa lógica que domina a forma de ser da Cooperativa e passa a

governar a vida dos homens.

A implantação do SCA que se propõe como criação de algo novo produz e afirma o velho, ou seja, as relações capitalistas de produção, formas burguesas de cooperação na produção da vida do homem. O Movimento busca a sua afirmação em uma forma que não lhe é própria, pois a constituição de cooperativas e empresas agroindustriais é própria do capital.

As conexões engendradas a partir da implantação da cooperação sob a égide das relações sociais capitalistas não possibilitam que o novo, em processo de criação no acampamento, adquira forma. A materialidade dessa base produtiva estabelece relações burguesas de produção entre os homens assentados. Os assentamentos fragilizam a possibilidade de materialização do Movimento, própria dos acampamentos porque incorpora a lógica capitalista de produção.

É na utilização da cooperação que o modo de produção capitalista produz de modo superior às formas pré-capitalistas. Gera, com isso, forças produtivas inimagináveis, e revela-se um progresso histórico jamais pensado. Por outro lado, essa utilização capitalista da cooperação torna-se um “meio civilizado e refinado de exploração” da força de trabalho. Portanto, a força produtiva coletiva está desenvolvida para o capitalista e não para o trabalhador. Assim, o Movimento deveria buscar utilizar-se dessa forma avançada de produção - a cooperação entre os homens -, para produzir a existência da vida humana sem, entretanto, refletir nela as relações capitalistas.

O processo cooperativo gera o trabalhador social médio, a junção de homens individuais que possibilitam o desenvolvimento das forças produtivas e que pressupõem uma coordenação e um planejamento centralizados, para harmonizar as diversas operações, ligando-as ao processo produtivo integral. Assim que a cooperação passa a ter um caráter capitalista, quem assume a função de controlar os homens cooperados é o próprio capitalista, que busca a ampliação do capital pela redução do trabalho pago e ampliação do trabalho não pago.

Desse modo, o desafio do MST refere-se à constituição do trabalhador social médio na sua organização da produção para produzir leite, frangos, mel, arroz, etc. excluindo do processo cooperativo o caráter capitalista.

### **A Sobrevivência das Relações Mercantis e Capitalistas nos Assentamentos**

O MST busca estabelecer valores humanistas e socialistas, a fim de criar

outras relações sociais entre os homens, que possam superar a exploração, a dominação e a alienação a que estão submetidos os assentados pelo sistema capitalista de produção.

A relação de troca direta entre produtor e consumidor proposto pelo MST, cujo equivalente geral é o dinheiro ou a troca de produtos, ocorreu no pré-capitalismo. Não existiu um modo de produção mercantil, nenhuma sociedade constituiu-se através das relações mercantis. Essas relações estiveram presentes nas entranhas da sociedade escravista, da sociedade feudal, e reproduzem-se na atual sociedade como forma de manifestação do capital.

As relações mercantis não são as que conectam os homens. A racionalidade do mercado e das próprias cooperativas que o MST busca é a mercantil. Entretanto, o que se impõe às cooperativas e sobre esse mercado são as relações capitalistas. A racionalidade burguesa impõe sua dinâmica sem que o Movimento perceba.

O homem camponês criava galinhas para subsistir; elas ficavam no pátio das casas. Quando havia necessidade de alimentar-se ou, no caso, de receber alguma visita, uma galinha era servida e todos se deliciavam com ela, independentemente do tempo de existência da galinha, de sua cor e do que a havia alimentado durante a vida. À medida que as relações mercantis penetram nesse sistema, o homem passa a ponderar a criação da galinha pelo custo de sua produção e pelo preço de comprá-la no mercado de forma que só a produzirá se a sua criação demandar um custo menor do que o preço de compra. Na relação capitalista, o homem compra milho, ração, etc. Produz a galinha com a intenção de conseguir por ela um valor superior ao que antecipou para a sua produção. No capitalismo produzem-se galinhas em função da mais-valia, da maior taxa de lucro e não do seu custo, do preço de compra ou para deliciar-se as visitas. Essa lógica é a que move o homem burguês.

Assim, a forma de organização dos assentados parece estar ponderada pela relação mercantil; no entanto, é o capital que se sobrepõe. O MST deveria organizar a vida dos assentados como o faz com os acampados, criando a solidariedade entre os seus membros para a reprodução de seres humanos distintos, características que já estavam no acampamento. A venda eficiente e a gestão do “negócio agrícola” não escapam à lógica burguesa.

Pode-se observar no interior do MST que o que se está produzindo é a propriedade privada para o outro, através do sistema cooperativista implementado nos assentamentos, ao invés de um ser humano livre e independente, desalienado das



relações do capital. O Movimento reafirma a sociedade burguesa no seu interior, porque utiliza a cooperação sob o seu caráter capitalista na sua base produtiva. A cooperação, eliminado seu caráter capitalista, deveria ser o próprio MST.

As relações sociais engendradas a partir da base produtiva criada nos assentamentos, quer coletivos, quer individuais, fragilizam o Movimento. A base cooperativa de caráter capitalista dispensa os homens. Isso já se faz notar pela preocupação do Movimento com a ociosidade da força de trabalho no interior dos assentamentos, que ocorre devido à apropriação privada da riqueza sob a forma de salário e lucro.

Uma das principais características das CPAs é a remuneração igualitária entre seus associados; paga-se o mesmo valor por hora trabalhada, independentemente do trabalho executado. Outra é a igualdade existente entre os diferentes trabalhos, parecendo funcionar como um desestímulo ao trabalho coletivo.

Busca-se seguir os princípios de que num coletivo todos são iguais. Assim não há diferenças entre trabalhos, e, em qualquer setor em que esteja alguém trabalhando está sendo construída a cooperativa. Procura-se, nesse sentido, uma convivência igualitária. Entretanto, os conflitos existentes e a falta de motivação para o trabalho podem, também, estar sendo resultado desses fatores.

Se o critério de participação na riqueza for feito pelo trabalho, deverá, necessariamente, ser feita uma escala da potência e qualificação dos trabalhos: lavar roupa é melhor ou pior do que cortar lenha? Qual a correspondência entre tarefas como plantar arroz e matar frangos? Há que se estabelecer uma unidade-padrão entre todos os diferentes trabalhos. Ao MST caberá essa decisão. Quem faz essa definição na sociedade capitalista é o capital, e não os homens, como se dá no Movimento.

Há uma preocupação constante sobre a produtividade do trabalho nos assentamentos coletivos, tais como aumentá-la, como controlá-la e como não deixar mão-de-obra ociosa dentro desses grupos. O MST afirma que esta é uma das contradições históricas entre a propriedade privada e a coletiva. Quando há ociosidade de mão-de-obra na propriedade privada, a solução é a demissão dos operários. Nas CPAs, contudo, os associados são um número permanente e têm objetivos diferentes das empresas capitalistas.

O MST, ao refletir a dinâmica do modo de produção capitalista, poderá engendrar seus próprios homens: homens burgueses que fragilizam o Movimento. Essa contradição já se faz notar sob a aparência de conflitos entre assentados e

acampados, entre a forma de produção coletiva e individual, na falência e nos problemas diversos nas Cooperativas e nas agroindústrias, principalmente no endividamento crescente.

A estrutura que se manifesta na Concrab nada mais é do que a expressão da centralização do capital, ou seja, um produto da acumulação do capital. O MST precisa eliminar o caráter capitalista na produção social da vida dos homens. Do contrário, nada de novo se está produzindo. É a lógica do capital determinando a dinâmica da Concrab, e essa estrutura domina a vida dos homens.

A forma como o MST organiza a produção da vida volta-se contra ele e o fragiliza. A lógica imanente da dinâmica que está permeando a base produtiva das cooperativas é a ampliação do trabalho não pago com, a conseqüente redução do trabalho pago.

A Concrab substitui o Movimento que, sob essa lógica, vai desaparecendo. Em seu lugar aparecem categorias burguesas de administração, através de cursos oferecidos como contabilidade, economia, mercado, auditoria, etc. O Movimento materializado como possibilidade nos acampamentos não se faz vislumbrar sob essa base, que o vai corroendo. A base produtiva da Concrab acaba por excluir os homens. A produção da exclusão é inerente a ela, condição de sua existência. A vida dos homens passa a ser secundária.

O SCA tem vivenciado dissoluções e “rachas” em suas cooperativas, quebra de safras, falta de recursos, dívidas resultantes de financiamentos, entre outros problemas, que são conseqüências econômicas, como em qualquer empresa capitalista.

A maioria das cooperativas dos assentados está extremamente endividada, como é o caso da Cooper União, em Dionísio Cerqueira (SC). Os principais fatores tanto da existência dessas dívidas, como da dificuldade de pagamento, de acordo com os assentados, são a falta de uma política agrícola adequada, o elevado custo da infraestrutura para a industrialização de produtos agrícolas e, por último, o modelo tecnológico adotado que visa ao beneficiamento de quem produz a tecnologia e não de quem a utiliza.

A Cooperjus, em Abelardo Luz (SC), encontra-se endividada, o que dificulta ainda mais a busca de alternativas para a conservação dos associados e a entrada de outros. A própria crise econômica acaba por colaborar para a permanência dos associados, que ainda vêem na cooperativa uma possibilidade de segurança contra a

crise e, também, de negociação e adiamento das dívidas com o Procerá junto à rede bancária.

Dessa forma, a dependência dos assentamentos em relação ao Estado acentua-se; a cada dia eles necessitam de mais e maiores recursos. Assim, sem o recebimento de recursos através de subsídios do Estado, a sobrevivência no assentamento fica prejudicada. A dívida passa a comandar a cooperativa que, por sua vez, se impõe aos homens. O controle da vida do assentado passa a ser ditado, agora, pelas dívidas.

No acampamento o MST rompe com a estrutura de acumulação do capital e com os homens criados pelo capitalismo e, nesse sentido, é revolucionário, portador do novo. Entretanto, essa nova lógica é sufocada quando o Movimento passa a ter acesso à terra e busca implantar a sua forma de organização da produção e de comercialização, tendo por base o caráter capitalista da cooperação.

É a dinâmica do modo de produção capitalista que está permeando a base produtiva do MST. A consciência desses homens emana dessas relações e afirma esta sociedade. Nenhuma outra sociedade poderá ser criada a partir das condições existentes nos assentamentos.

A Concrab, ao implantar a lógica capitalista de produção nos assentamentos busca um cooperativismo alternativo, diferente e de oposição, que implica a apropriação dos instrumentos de gestão pelos trabalhadores. Tem por objetivo criar um novo modelo de cooperativismo através de formas gerenciais. Contudo, a busca pelo novo não se dá através da implementação de novas formas de gestão e, sim, pela eliminação do caráter capitalista na forma cooperativa de produzir a vida.

A tentativa do MST em tecer uma base produtiva através da cultura e da implementação de novos valores estabelece uma base insuficiente que não se afirma enquanto Movimento. A estratégia montada pelo Movimento para forjar novos homens a partir da instituição de valores, ideologias, símbolos, mística revela-se frágil e não se sustenta como base material do próprio Movimento, ou seja, não há uma base material que o produza. Tais elementos, embora importantes, não conseguem materializar homens novos que confirmam o MST e o seu ideário.

O Movimento que deveria permanecer como a base material da produção da vida dos homens não encontra a sua forma na materialidade do assentamento e se dissolve. Busca ser Movimento em formas que não lhe são próprias, como as cooperativas e as agroindústrias. O avanço do Movimento supõe a construção da cooperação entre os homens, eliminado seu caráter capitalista ligado a exploração do

trabalho

As cooperativas não são o Movimento. Os homens não têm de fazer das cooperativas o Movimento. O contrário é que deve ser afirmado. O Movimento deve dominar as Cooperativas e impingir-lhes o seu conteúdo. A cooperação, o ato de juntar os homens como possibilidade de constituição de novos seres sociais deverá ser a materialidade do Movimento. As contradições no interior do MST não permitem a sua manifestação enquanto materialidade na vida dos assentados; isso acabará por negá-lo.

A permanência dos jovens no campo se dá via CPA. Na compreensão do MST, à medida que as CPAs crescem e se consolidam, elas precisam que seus membros se tornem técnicos sanitários, técnicos de saúde animal, economistas, administradores, agrônomos, veterinários, médicos, mecânicos e contadores, para que os jovens permaneçam no campo e se aperfeiçoem cada vez mais. Para isso as Cooperativas devem se preparar e planejar a educação de suas crianças desde o jardim de infância, até a formação universitária. Desse modo, estará dada a possibilidade de crescimento e ascensão profissional no interior das cooperativas, como em qualquer empresa burguesa.

No modo de produção capitalista a produção social da vida humana é contraditória com a apropriação privada da riqueza, sob a forma de salário e lucro, contradição essa que engendra a negação da propriedade privada e, por conseguinte, do próprio sistema capitalista.

O MST, ao estimular e produzir a vida dos homens, coletivamente, através da cooperação e de sua criação - o trabalhador social médio - permitirá, sem reproduzir os mecanismos do seu caráter de capital, ou seja, seus nexos mercantis e capitalistas, a apropriação social da riqueza produzida. Numa produção social, quem deve controlá-la é a própria sociedade. Quem deve se apropriar da riqueza é, também, a sociedade. Nesse espaço, não poderia existir o controle privado da produção, bem como a apropriação privada da riqueza. A produção social potencializada pelo capital - em sendo extraído do seu uso o seu caráter capitalista - implica desenvolvimento cada vez maior de forças produtivas e leva à aplicação consciente da ciência, ao progresso tecnológico, à exploração planejada do solo, à transformação dos meios de trabalho em meios que só podem ser utilizados em comum, ao emprego econômico de todos os meios de produção manejados pelo trabalho combinado, social, ao envolvimento de todos os povos na rede do comércio mundial. Desse modo, é

necessário aproveitar-se do caráter social do processo produtivo, da elevação da potência da cooperação, da quantidade da riqueza produzida em um tempo cada vez menor, sem, entretanto, reproduzir as relações capitalistas de produção.

Ao mesmo tempo em que ocorre o desenvolvimento das forças produtivas em uma potência jamais imaginada, como resultado do processo social de produção, ocorre a expropriação do capitalista pelo próprio capitalista, pelas próprias leis imanentes a esse modo de produção, pela centralização de capitais. Gera-se, assim, na materialidade, a negação da propriedade privada. Eis a base para a superação da ordem social burguesa.

A relação do assentamento com o MST acontece esporadicamente. Os assentados compreendem que essa relação deverá ser feita pelos liberados, que é essa a incumbência deles. A construção de uma nova sociedade, por conseguinte, se dará em função da liberação de mais pessoas que possam atuar em outras frentes. Os demais assentados não se vêem mais como Movimento.

No acampamento a conexão entre os homens se dá através da solidariedade. No assentamento o fio que faz a conexão são os liberados. Assim, dentro dos assentamentos e entre eles, parece não haver Movimento. Nos acampamentos o MST toma corpo nas pessoas. Todos executam uma tarefa específica. Uns limpam, outros fazem a vigilância, alguns trabalham na saúde. No assentamento, busca-se, através das cooperativas, produzir bem, comprar bem, administrar a cooperativa. O Movimento ali desaparece.

Nos assentamentos individuais a presença do MST só se atesta em reuniões esporádicas de que poucos participam, o que o enfraquece devido à reprodução das relações capitalistas em sua base. A partir apenas de reuniões e da presença dos liberados, o Movimento não se materializa.

O MST forma elementos novos como a sua estrutura, sua mística, seu simbolismo, que não se afirmam nos homens que compõem sua base nos assentamentos quer individuais, quer coletivos. Tais elementos consolidam-se nos homens dos acampamentos, porque produzem a si mesmos com outra base material, que nega a do capital.

Nas CPAs a sua estrutura se impõe aos homens. Busca-se sob essas estruturas coletivas gerar novas consciências. Os que não se adequam a ela são obrigados a se retirarem dos assentamentos. Entende-se que a estrutura das CPAs é a forma certa. Assim, os homens que a ela não se adaptam estão errados. Nesses locais, os meios de

produção se apropriam da vida dos homens e impõem sua dinâmica, a valorização do valor. Nasce daí a guerra entre os homens e a estrutura dissimulada como conflito da não-adaptação e do não-rompimento com a forma artesanal de o “camponês” produzir a sua vida.

As CPAs são, na compreensão do MST, a forma superior, mais avançada, de organização da produção na agricultura. Portanto, a forma a que todos os assentamentos deverão atingir à medida que compreendam e percebam que esta é a melhor maneira de permanecerem no campo, de ter melhor aproveitamento da terra e dos recursos materiais, é a que possibilita o alcance de uma vida social digna e consciência elevada.

Entretanto, as CPAs são organizadas para produzir riqueza para o mercado capitalista, que é ponderado pela mais-valia, manifestada no preço dos produtos.

Desse modo, observa-se que entre uma CPA e uma empresa capitalista parece não haver diferenças. A estrutura das CPAs vai se impondo às pessoas que passam a ser simples membros de um organismo vivo. Essa base só poderá criar relações coisificadas. A relação solidária, afetiva, de companheirismo torna-se frágil.

Em relação às desistências dos grupos coletivos, um outro problema deve ser apontado. Elas aumentam significativamente quando as sobras (receita menos despesa) são maiores. As pessoas sentem dificuldade em realizar sua subjetividade nas CPAs. Essa dificuldade aumenta na medida em que a coletivização ganha maior força e estrutura. Nas CPAs há uma perda da afetividade. A relação entre as pessoas torna-se uma relação puramente empresarial, fria.

O progresso que deveria ser percebido na melhoria das condições de vida das famílias não é sentido, ainda que possibilitado pela aquisição de bens de sobrevivência. Sentir o progresso individualmente esbarra nos limites impostos entre individual e coletivo. Dessa forma, são invocados parâmetros de que o progresso não se faz individualmente, mas no investimento na propriedade do grupo. As regras estabelecidas prevêm que todos deverão crescer economicamente de forma igualitária. A acumulação de bens individuais e o desapego pelos bens materiais propostos pelo coletivo entram em conflito com a expectativa de melhoria individual.

A base produtiva não permite a consolidação do novo. Não há como afirmá-lo. O MST vai percebendo isso. Tem buscado outras saídas que resultam em novos problemas, criando um emaranhado de normas e regras que buscam atar os homens a esses fios. O fio deveria ser o Movimento. Este é que deveria conectar os homens.

A estrutura orgânica das CPAs evoluiu adotando formas bastante complexas e mais aproximadas de uma lógica empresarial. Começa-se, então, a pensar em formas de reestruturação funcional das CPAs (quadro abaixo), com base nos problemas apresentados pela maioria: modelo orgânico construído de forma voluntarista e aleatória em que não são empregados métodos administrativos científicos; setorização estabelecida por tipo de atividades (animais, lavoura, culturas permanentes); problemas com a mão-de-obra excedente e falta de linhas de produção para absorver a demanda por trabalho. Por outro lado, há baixa produtividade do trabalho e com a setorização há uma disputa por liberação de mão-de-obra; a democracia interna funciona de forma precária e burocrática, de modo que tudo precisa ser discutido com todos a todo momento, e as decisões são tomadas sob critérios não técnicos, entre outros problemas.

Quadro sintético das propostas de reestruturação:

- Reestruturação orgânica funcional	- unificação dos atuais setores de produção num só; - criação dos núcleos de base; - definição de responsabilidade por funções: planejamento e custos; finanças; comercialização; formação e informação; produção.
- Ganhos na produtividade do trabalho	- conceito de postos de trabalho; - métodos de controle de produtividade; - administração por objetivos – metas x número de horas.
- Estrutura econômica	- análise econômica de linhas já implantadas; - prospecções de mercado, focando principalmente o mercado local; - estudos de viabilidade de projetos (novos investimentos); - agregação de valor/agroindústria/atividades não agrícolas (como estratégia econômica).
- Gestão/administração operacional	- gestão de caixa (adoção de software); - controles de produção e financeiros; - análise técnica das linhas de produção existentes (identificar gargalos); - aprovação e implantação de melhorias de manejo, de planejamento anual/orçamentação; - produção e controle de informações gerenciais.
- Político-ideológico	- plano de formação político-ideológico; - envolvimento em atividades da classe trabalhadora; - liberação de militantes; - ideologia camponesa x ideologia da cooperação.

Nesse processo, o MST reconhece que adotou uma lógica de construção das cooperativas que tem se revelado incompleta e com diversos equívocos. O resultado dessa estruturação significa a perda das ilusões. O próprio Movimento vai percebendo que se construiu em cooperativas tradicionais.

A tentativa de retornar às relações mercantis não impõe dinamismo ao Movimento. É como quebrar máquinas para obter trabalho ou voltar a andar a cavalo. Não é possível retornar ao passado. Nesse sentido lembramos da formulação feita por

Gorender, sobre os escravos e sua historicidade, em que ele afirma a “rebeldia e estreiteza de seus projetos”. Os escravos lutavam para serem livres tal qual os homens livres que os dominavam, afirmando, assim, a conservação da sociedade escravista. Lutavam, nesse prisma, para recuperar a sua condição anterior de liberdade, em busca de reproduzir a sua base produtiva perdida. Uma aspiração regressiva, portanto.

Desse modo, o MST vai sendo sugado pelo capital e não o percebe. Acredita estar em um mercado popular, reproduzindo uma racionalidade mercantil. Mas está no mercado do capital que impõe a sua dinâmica ao Movimento. Não é, portanto, um problema de educação, de convencimento, de conscientização, de gestão, de ser assentamento coletivo ou individual. O problema é que o Movimento está sendo sugado pelo sistema capitalista sem tomar consciência desse fato. É necessário o MST fazer-se cooperação. Isso não significa negar as cooperativas. O que é preciso negar é o seu caráter burguês, em que a conexão entre os homens é o capital. Quem deverá fazer uma conexão superior dos homens na produção da vida é o próprio Movimento, na cooperação.

## **CONCLUSÃO**

O objetivo do Movimento não deveria ser produzir diferente, mais e melhor que o capitalismo. O Movimento não é uma racionalidade econômica. A produção deveria ser para ampliar o tempo livre e para permitir que a individualidade de cada um possa se manifestar livremente. Libertar-se do reino da necessidade é construir um mundo de possibilidades para todos.

O MST no acampamento busca engendrar o novo. Entretanto, quando passa a acessar a terra, o germe do novo evapora-se no ar, dissolvendo-se. A produção da sobrevivência e a busca pelo trabalho tomam todos os espaços, sufocando o novo. A luta cotidiana por produzir melhores condições de vida é a luta de todos em qualquer tempo e espaço. Nada há de novo nesse processo. Só é a reprodução da vida e a permanência de condições já existentes.

Portanto, em sua base produtiva, o MST pode estar reproduzindo relações sociais que engendram homens burgueses. Em sua busca de saídas alternativas ao sistema capitalista para manter o homem no campo através de mercados seletivos cria relações que refletem o capital na forma de homens mercantis, apesar do seu



conteúdo.

O MST pode se reproduzir e organizar os homens sem ser pelo trabalho. Pode fazê-lo pela esperança de reproduzir a vida dos homens emancipados, pois o que acontece nos acampamentos é que eles interiorizam a sua existência, não pelo externo, que é o capital, mas pela vida social.

O MST tem de organizar a produção da vida superior à do capital, de tal forma que todos queiram vir para o Movimento, ao invés de reter as pessoas no seu interior. O Movimento terá de fechar suas fronteiras por se constituir em forma superior de reprodução do ser social.

A saída proposta é o caminho via solidariedade: o MST produz arroz, feijão, peixe ou outro produto qualquer para, através dele, relacionar-se concreta e diretamente com outros produtores que, por sua vez, irão produzir as casas do MST, ou o sapato, com a sua força de trabalho, porque o Movimento - e aí ele está vivo, presente, forte, engendrando o novo e fortalecendo-se - estará produzindo o arroz desses trabalhadores sem a mediação do mercado, do capital.

Estabelecendo e criando um novo homem numa relação diária de rebeldia, a partir de sua base produtiva, esse homem passará a refletir em sua consciência a lógica do MST. Negará conscientemente a lógica do capital e, dessa forma, afirmará o ideário do Movimento. A construção desse pressuposto pelo Movimento, enquanto uma perspectiva histórica, poderá engendrar uma nova forma de ser social, em que a produção da existência dos homens configurará uma nova lógica, não mais a do capital.

Mas apesar dos descaminhos, o MST é o caminho novo que os sem-terra legam à humanidade no limiar do século XXI.

As rosas desabrocham mesmo sustentadas por galhos recheados de espinhos. O MST do acampamento da Encruzilhada Natalino em Ronda Alta (RS) espraia-se por todos os recantos do Brasil, quer os homens brasileiros tenham consciência ou não. Eles são, hoje, influenciados por esta nova saga civilizatória. O mundo velho treme ao simples som das trombetas do MST, principalmente quando se manifesta como acampamento.

## **BIBLIOGRAFIA**

AUED, Idaleto Malvezzi (1999). Capital e emancipação humana: o ser social. In:

- AUED, Bernardete Wrublewski. (org.). *Educação para o (des) emprego*. Petrópolis: Vozes, p. 109-131.
- BOGO, Ademar (1999). *Lições da luta pela terra*. Salvador: Memorial das Letras.
- CONCRAB (ago. de 1997). *As tarefas do SCA e a construção de nossas cooperativas* (versão preliminar). São Paulo: MST.
- ..... (março de 1998). *A encruzilhada do desenvolvimento econômico dos assentamentos*. Mimeo.
- GORENDER, Jacob (1999). *Marxismo sem utopia*. São Paulo: Ática. Cap. III: A “Construção” do Socialismo, p. 17-25.
- GÖRGEN, Frei Sergio Antonio e STÉDILE, João Pedro (1991). *Assentamentos: a resposta econômica da Reforma Agrária*. Petrópolis: Vozes.
- GRADE, Marlene (1999). *MST: luz e esperança de uma sociedade igualitária e socialista*. Dissertação. (Mestrado em Economia) - UFSC.
- KLEBA, John Bernhard (1992). *A cooperação agrícola em assentamentos de Reforma Agrária no Estado de Santa Catarina*. Dissertação. (Mestrado em Sociologia Política) - UFSC.
- MARX, Karl (1969). *Capítulo VI Inédito de O Capital: resultados do processo de produção imediata*. São Paulo: Moraes.
- MARX, Karl (1994). *O Capital. Livro 1. Vol. I e II*. São Paulo: Bertrand Brasil.
- MST (jun. 1997). Sistema cooperativista dos assentados. *Caderno de Cooperação Agrícola* n. 5. São Paulo: MST.
- ..... (abr.1996). Cooperativas de produção – questões práticas. 2 ed. *Caderno de Formação* n. 21. São Paulo: MST.
- ..... (ago. 1994). *Orientações jurídicas e contábeis sobre o funcionamento das CPAs: alguns elementos*. São Paulo: Concrab.
- ..... (ago.1986). Elementos sobre a teoria da organização no campo. *Caderno de Formação* n. 11. São Paulo: MST.
- ..... (dez.1995). Perspectivas da cooperação agrícola nos assentamentos. *Caderno de Formação* n. 4. São Paulo: MST.
- ..... (jan. 1998). A vez dos valores. *Caderno de Formação* n. 26. São Paulo: MST.
- ..... (jul. 1994). *Como organizar os assentamentos individuais*. São Paulo: MST.
- ..... (jun. 1986). A luta contínua – como se organizam os assentados. *Caderno de Formação* n. 10. São Paulo: MST.
- ..... (jun. 1997). Cooperativas de produção – questões práticas. *Caderno de Formação* n. 21. São Paulo: Concrab.
- ..... (mar. 1998). *Como implementar na prática os valores do MST*. São Paulo: MST.
- ..... (mar. 1998). Mística – uma necessidade no trabalho popular e organizativo. *Caderno de Formação* n. 27. São Paulo: MST.
- ..... (mar.1998). A emancipação dos assentamentos. *Caderno de Cooperação Agrícola* n. 06. São Paulo: Concrab.
- ..... (nov.1998). Como enfrentar os desafios da organização nos assentamentos. *Caderno de Cooperação Agrícola* n. 07. São Paulo: Concrab.
- ..... (nov.1998). O sistema de crédito cooperativo. *Caderno de Cooperação Agrícola* n. 08. São Paulo: Concrab.
- ..... (out. 1994). O que fazer?. *Caderno de Cooperação Agrícola* n. 3. São Paulo: Concrab.
- ..... (jan.1987). *Relatório dos principais acontecimentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra em 1986*. Mimeo.
- STÉDILE, João Pedro (nov. 1998). *O desafio dos assentamentos ou como superar a exploração, a dominação e a alienação*. Mimeo.
- ..... (org.). (1997). *A Reforma Agrária e a luta do MST*. Petrópolis: Vozes.